

O TURISMO EM ÁREAS RURAIS MINEIRAS: UMA ALTERNATIVA SOCIOECONÔMICA

The tourism in rural areas in Minas Gerais: a social and economical alternative

Karina Lopes Chequer¹, José Ambrósio Ferreira Neto²

RESUMO

Com este estudo, examina-se as possíveis contribuições do turismo no espaço rural mineiro para o desenvolvimento socioeconômico do Estado de Minas Gerais. Situa-se no âmbito das pesquisas que buscam demonstrar os mecanismos e as estratégias que vêm viabilizando as famílias rurais incrementarem as suas rendas e também ocuparem a sua força de trabalho a partir das chamadas atividades rurais não-agrícolas. O estudo permitiu concluir que são relevantes as potencialidades do turismo nas áreas rurais mineiras, graças aos atrativos naturais, culturais e históricos do Estado, que o faz atualmente, deter o maior número de empreendimentos voltados para essas atividades no espaço rural.

Palavras-chave: turismo em áreas rurais, atividades não-agrícolas, famílias rurais.

ABSTRACT

This study examines the probable contributions of tourism in rural areas for the social and economical development of Minas Gerais State. It fits within the scope of research aiming to identify the mechanisms and strategies which allow rural families to increase their income and utilize their work force with non-agricultural rural activity. In this study it was conclude that the potentialities of tourism in rural areas are relevant in the State, due to natural, cultural and historical attractions, which makes the state one that keeps the larger number of investments directed to the touristic activities on rural area.

Key words: tourism in rural areas, non-agricultural activity, rural families.

1. INTRODUÇÃO

Durante um longo período, boa parte das análises acerca da realidade rural brasileira esteve condicionada a questões que vislumbrassem a ótica agrária. Frente a este quadro, a tônica sempre esteve pautada no papel que a agricultura deveria assumir no processo de crescimento da riqueza nacional, seja pela via de financiar a industrialização, ou pela via de se converter em mercado consumidor de produtos industrializados. Neste contexto, o debate sobre as famílias rurais e seu papel ou lugar na estrutura agrária se constituiu, durante um longo período, no objeto central dos estudos sobre o mundo rural. Estudar as formas sociais de trabalho e produção no campo fazia sentido à medida que produzissem explicações e interpretações sobre os rumos do desenvolvimento do capitalismo em geral e o papel da agricultura nesse processo.

Contudo, embora a agricultura e suas formas sociais de trabalho ainda guardem um lugar de destaque nas formulações teóricas e no compromisso intelectual de diversos cientistas sociais brasileiros vinculados à temática agrária e rural, difundiu-se, recentemente, a necessidade

de se repensar os temas agrários e o mundo rural. Diversas razões informariam essa nova agenda de análise sociológica, entre elas, a emergência e a expansão das atividades rurais não-agrícolas.

Dentre as atividades rurais não-agrícolas, vale aqui destacar o turismo, que embora seja uma das atividades mais recentes desenvolvidas no meio rural brasileiro, já tem sido analisado como fonte adicional de geração de emprego e renda para diversas famílias residentes no campo, à medida que vêm decaindo as ocupações e as rendas provenientes das tradicionais atividades agropecuárias.

Assim, nesse processo de crescimento das atividades rurais não-agrícolas, especialmente do turismo, este estudo tem por objetivo verificar as suas potencialidades como fator de desenvolvimento no Estado de Minas Gerais.

2. NOÇÕES DO TURISMO EM ESPAÇOS RURAIS

Nos últimos tempos, se vive um momento de importantes mudanças no meio rural brasileiro, pois esse, que outrora dependia quase que exclusivamente das atividades agrícolas, passa nos últimos anos, a ter as

¹Mestre em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa/UFV – Rua Professor Alberto Pacheco, 130/601 – Ramos – Viçosa, MG.

²Professor Adjunto do Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa/UFV – Departamento de Economia Rural – Viçosa, MG – 36.571-000.

Recebido em 23/08/04 e aprovado em 17/11/04

ocupações rurais não-agrícolas como fatores importantes na composição da renda familiar rural.

Diante desta realidade, ressalta-se que no caso brasileiro, o turismo é considerado por vários autores, entre eles, Oliveira & Moura (2000), como uma das atividades rurais não-agrícolas que mais vêm se destacando atualmente, juntamente com a agroindústria, a oferta de serviços e a oferta de residência.

Ao contrário do que muitos possam imaginar, é possível reconhecer as atividades turísticas desde a Antiguidade. Porém, o reconhecimento delas como atividades produtivas, geradoras de renda para o meio rural e complementares às tradicionais atividades agropecuárias, vem acontecendo nas últimas décadas, em decorrência dos resultados obtidos nos estudos sobre as transformações que envolvem o mundo rural, particularmente, no que se refere à diversidade das formas de produção e reprodução deste meio.

Contudo, um dos problemas que ainda encontramos ao estudar e, ou, descrever o que seja o turismo no espaço rural, está no campo conceitual, ainda em fase de amadurecimento. É pertinente ressaltar que, dada à ausência de uma conceituação mais precisa do termo, existem algumas controvérsias no caso brasileiro quanto ao seu uso, dentre elas:

- a primeira, resulta da percepção de que o uso do termo, o turismo no espaço rural, poderia abarcar várias expressões, tais como: turismo de aventura, cultural, esportivo, turismo verde, ecoturismo, turismo rural, etc. Neste sentido, a expressão aqui consistiria em tudo o que ocorre no meio rural em oposição ao turismo convencional, com relação ao aproveitamento do campo;
- a segunda, ao contrário da primeira, resulta da análise de que o uso do termo, somente englobaria as atividades desenvolvidas no interior das propriedades rurais, tradicionalmente denominadas de turismo rural ou agroturismo³ - termos esses que são utilizados como sinônimos. Neste caso, a expressão não envolveria as atividades de lazer denominadas de turismo ecológico, turismo verde, ecoturismo, ou outra modalidade qualquer, que são realizadas no meio rural;

³ Segundo Roque & Vivan (1999), pode ser visto como uma atividade de turismo no espaço rural, que visa a valorização do ambiente e do produto rural regional, sendo este último denominado de produto de "Proveniência Rural". Nesse caso, o turista vai à propriedade para passar algumas horas, participar de pelo menos uma refeição, das atividades típicas como a ordenha, e busca conhecer produtos específicos da região visitada, como a cachaça, o queijo, o vinho, etc.

- a terceira, deriva de uma vertente de autores, como Zimmermann (1996), que apóiam a utilização do termo apenas quando o turista se hospeda efetivamente no meio rural e participa de forma lúdica, em geral, dos trabalhos realizados na fazenda ou sítio; e

- a quarta, surge do debate em que o termo deve ser usado e entendido, na situação em que o turista visita fazendas e sítios, onde passa o dia se entretendo, fazendo cursos em unidades agrícolas ou compras de alimentos e artesanatos típicos.

Sobretudo, diante da riqueza de termos, expressões e conceitos que podem surgir em relação à expressão turismo em áreas rurais, alguns pesquisadores brasileiros, inclusive Araújo (1998), sugerem o seu tratamento como: aquelas atividades que se realizam no campo, e se identificam com as especificidades da vida rural, seu habitat, sua economia e sua cultura. É a soma do ecoturismo, turismo verde, cultural, esportivo, agroturismo e turismo de aventura. Engloba todas essas atividades, as quais não se excluem, mas se completam, com círculos concêntricos, em que cada um deles se entrega ao precedente, sem perder de vista que essas atividades devem sempre propiciar, aos agricultores e à região, benefícios sociais e econômicos.

Tratando-se ainda do turismo em áreas rurais, no Brasil, existem duas razões, segundo Brasil & Oliveira (2000), que vêm propiciando a sua expansão, dentre elas:

- a vontade que algumas pessoas, principalmente moradoras das grandes cidades têm de reencontrar suas origens e permanecer perto da natureza, convivendo e conhecendo a vida "calma e tranqüila" do campo, seus hábitos, tradições e costumes; e
- a necessidade que o produtor rural, dono das terras e dos meios de produção, tem de tentar diversificar sua fonte de renda e de agregar valor aos seus produtos.

O turismo no meio rural propicia o contato direto do produtor com o consumidor final, que consegue vender, além da hospedagem e, ou permanência, seus produtos *in natura*, como por exemplo, frutas, ovos, verduras ou produtos beneficiados como compotas, bolos, queijos, cachaça etc. Assim, consegue-se alcançar preços melhores para os dois lados da transação, tornando-a mais rentável para o produtor, que agrega um valor "natural, fresco e puro" ao produto, e mais barato e saudável para o consumidor, que evita pagar o lucro de intermediários.

Na verdade, o desenvolvimento do turismo no espaço rural tem como peculiaridade ser uma atividade capaz de se integrar às atividades produtivas cotidianas da propriedade, como a pecuária de leite, plantio de milho,

entre outros. Além disso, permite a integração e o fortalecimento de novas atividades agropecuárias e agroindustriais, como o cultivo de ervas medicinais, a criação de animais silvestres e a produção de cachaça, podendo até ser estas as atrações turísticas do meio e as novas fontes de renda a serem consideradas.

Entretanto, dada a extensa área geográfica brasileira, com uma infinidade de belezas naturais e manifestações culturais, vários estados se caracterizam pelos importantes e pertinentes espaços propícios à expansão do turismo em áreas rurais, os quais já suscitarão o seu desenvolvimento. Sobretudo, é interessante ressaltar que, em algumas regiões brasileiras, são os próprios produtores rurais que se configuram como estrategistas e criam programas e projetos originais para o seu desenvolvimento. No meio comercial brasileiro, por exemplo, já se detecta a venda de vários Circuitos e, ou, Rotas Turísticas. Todavia, a criação desses produtos turísticos, de acordo com Tulik (2000), acontece não só quando o poder público cria ou apóia políticas integradas de desenvolvimento, mas quando os empreendedores se unem em associações, ou quando ambos, poder público e empreendedores, elaboram estratégias conjuntas para o desenvolvimento do turismo em áreas rurais.

No Estado de Minas Gerais, por exemplo, é verificada uma vocação peculiar para as chamadas rotas do agroturismo, como a Rota da Cachaça, do Queijo, das Flores. No Rio de Janeiro, encontra-se a Rota da Truta nas regiões serranas e a Rota do Café na região de Vassouras, com seus casarios coloniais de forte apelo histórico. Na Bahia, observa-se a Rota do Cacau, que consorcia grandes fazendas cacaeiras com atividades turísticas. Em Pernambuco, identifica-se o Roteiro dos Engenhos.

Vale aqui também destacar um roteiro que vem ocupando um grande espaço na mídia recentemente: o Circuito da Estrada Real, uma rota de mais de 1.400 quilômetros de extensão, que abrange 177 municípios, sendo 162 em Minas Gerais, oito no Rio de Janeiro e sete em São Paulo. Segundo Oliveira (2004), a região demarcada oferece um variado potencial turístico, que abrange as cidades históricas mineiras, como Ouro Preto, Diamantina, Tiradentes, Mariana e Sabará, com suas construções coloniais, igrejas e museus; as reservas ecológicas, parques com belas cachoeiras, montanhas e lagos, que propiciam a prática dos chamados esportes de aventura; as estações de água termais; e a apreciada culinária mineira, que constituem em atrativos significativos desse circuito.

Assim, diante das observações acima, infere-se que a questão essencial no desenvolvimento do turismo no

espaço rural brasileiro é a procura pela preservação e conservação do ambiente rural, desenvolvendo as bases locais e valorizando a cultura e o regionalismo, permitindo a integração do visitante com a história local, seja por meio da arquitetura, dos objetos, dos produtos agrícolas, entre outros. É uma atividade que se bem planejada, pode reanimar as economias locais e regionais, viabilizar novas formas de renda para os agricultores familiares e para o meio rural, gerar empregos diretos e indiretos, contribuir para a redução do êxodo rural, e indiretamente com a questão da reforma agrária.

O importante é que o empreendimento gera ocupações complementares às atividades agrícolas, que continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidades. O turismo deve ser entendido como parte de um processo de agregação de valor aos produtos agrícolas e de valorização dos bens não-materiais existentes nas propriedades agrícolas, como a paisagem, ar limpo, etc.

3.O POTENCIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM ÁREAS RURAIS.

Para se tecer algumas considerações acerca da potencialidade do Estado de Minas Gerais para o desenvolvimento do Turismo no espaço rural, vale um breve comentário no que tange a formação histórica do Estado e a sua herança sócio-cultural.

A história de Minas Gerais teve seu prelúdio na exploração das minas de ouro e pedras preciosas, tendo seus traços mais fortes no Ciclo do Ouro, período iniciado em 1693, quando foram descobertas pequenas quantidades de ouro que logo revelaram toda a riqueza desta província.

Em busca do ouro e das pedras preciosas, Minas Gerais recebeu a partir do século XVI um grande fluxo migratório de diversas regiões do País, que atraídos pela riqueza das terras montanhosas do sudeste viam a possibilidade de um enriquecimento rápido. Dessa realidade, logo se formaram pequenos núcleos urbanos ao redor dos principais veios auríferos, e desse processo surgiram as cidades de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, Diamantina, entre outras, que devido à riqueza do ouro constituíram-se como referência nacional na arquitetura, nas artes, na cultura.

Entretanto, no final do século XVIII, com o declínio da extração aurífera, o foco econômico regional foi aos poucos passando para outras atividades, principalmente para a produção cafeeira, iniciando um processo de valorização do meio rural, pois as grandes fazendas

cafezeiras se tornaram o centro econômico e político do Estado. Em decorrência desse processo histórico, Minas Gerais herda as tradicionais fazendas do período cafeeiro, que juntamente às principais cidades históricas do País, com seus complexos arquitetônicos do período colonial, transformaram esse Estado, em uma das mais importantes referências turísticas do País.

Com esse grande potencial turístico reunido, milhares de turistas, ano após ano, vêm conhecer as cidades que fazem o Estado de Minas Gerais reconhecido nacional e internacionalmente. No entanto, não é somente para visitar as igrejas repletas de ouro, as obras de Aleijadinho, o casario colonial, etc... que o turista vem ao Estado; este também está à procura de um maior contato com o contexto rural, e nesse aspecto Minas Gerais oferece muitas alternativas que vão desde a região sul com suas fazendas de gado leiteiro e cafezais, até a região norte com fazendas de gado de corte.

Um exemplo dessa realidade, é um número cada vez maior de turistas que vêm revelando interesse, segundo Oliveira (2003), em conhecer de perto os segredos da elaboração da autêntica cachaça artesanal mineira, pois um universo cada vez maior de alambiques se descortina aos olhos dos visitantes.

De acordo com o referido autor, atentas a essa demanda, operadoras de viagens nacionais, como a CVC, Tam Viagens e Varig Travel, estão oferecendo opções de pacotes para Minas que incluem visitas aos alambiques. Os *tours* são verdadeiros “mergulhos” no universo da produção da cachaça artesanal: dos canaviais, onde é colhida a cana-de-açúcar, passando pelo engenho, com as moendas, o processo de destilação, filtragem, armazenamento e, finalmente, envasamento. A aguardente sintetiza em muito as tradições mineiras – a questão da culinária, a cana-de-açúcar, os engenhos – e remete a um passado impregnado de mineiridade.

Em Minas Gerais, a trajetória da cachaça começou no século XVII, época da corrida do ouro e da fundação de inúmeros lugarejos. O hábito de bebê-la já se tornava mais amplo chegando, inclusive, a ameaçar a aguardente do reino (a bagaceira). Assim, por Ordem Régia de 12 de junho de 1743, os engenhos foram proibidos na Capitania de Minas, por serem considerados prejudiciais ao consumo da água ardente do Reino e à mão-de-obra escrava que deveria dedicar-se somente à extração do ouro. Mas, a população reagiu e, sob o pretexto de fabricar o açúcar, continuou produzindo a aguardente proibida. Além disso, fiscalizar as fazendas ao longo dos difíceis caminhos de Minas parecia impossível (GRAVATÁ, 1999).

Ainda dentro desta perspectiva de valorização do potencial turístico, vale destacar que Minas Gerais detém atualmente, conforme Silva et al. (1997), o maior número de empreendimentos no País voltados para as atividades turísticas no espaço rural, pois vem oferecendo diversos produtos relacionados com a agropecuária, enriquecidos pela arquitetura de suas antigas fazendas e cidades históricas, além de serras, trilhas, pousadas, restaurantes, cachoeiras, artesanatos, entre outros. Quanto ao artesanato mineiro, é importante destacar a sua relevância cultural, na qual a sua originalidade está estampada nas pedras semi-preciosas, nos tapetes de arraiolo, nas esculturas de pedra-sabão, metal, madeira, pinturas em vidros, porcelanas, tecidos e fios, que estão espalhadas por todo o Estado. Outro atrativo do Estado é o folclore que se expressa por meio de datas religiosas, festas juninas, rodeios, vaquejadas e exposições agropecuárias. É claro que não se pode esquecer, de acordo com o referido autor, da comida típica mineira, cujas receitas são temperadas com influências portuguesas, africanas e indígenas. O resultado é uma comida saborosa que faz parte da tradicionalidade mineira, como feijão tropeiro, frango ao molho pardo, carne de panela, costelinha e lombo de porco com tutu e feijão, arroz-de-forno, angu com quiabo, broa de fubá, goiabada com queijo, doce de leite e o famoso pão-de-queijo. A cultura mineira também se expressa pela dança: pelo Batuque, Coco, Quadrilha, Arrasta-Pé, Catera, Contra-dança, Vai-de-Roda, Pau-de-Fita, Roda-de-Adultos, Dança da Peneira, Lundu, Caxambu, Catango, Maculelê, etc.

Minas Gerais também apresenta grandes alternativas relacionadas às belezas naturais podendo citar, dentre outros, os parques florestais do Rio Doce, do Ibitipoca, o Parque Nacional do Caparaó, as estâncias hidrominerais localizadas em São Lourenço, Caxambu, Araxá e Poços de Caldas, que encantam seus visitantes por suas grutas, cachoeiras, lagos, etc... e ao longo dos anos vem recebendo um intenso fluxo de turistas em busca de aventura, descanso e lazer.

Na verdade, como todos os outros Estados brasileiros, Minas Gerais também sofreu os reflexos do processo de industrialização, tendo como consequência o êxodo rural e o desenvolvimento das cidades. Atualmente, com o progresso exacerbado, vem ocorrendo o rebaixamento do nível de qualidade de vida nos grandes centros urbanos e, em decorrência, a retomada do setor rural por meio da demanda turística e da oferta por parte dos proprietários rurais que vêm o Turismo no meio rural como uma nova alternativa de renda.

Vale ressaltar que, as atuações de algumas organizações, segundo Silva et al. (1997), estão sendo essenciais para o seu desenvolvimento em Minas Gerais, dentre elas: EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais, a SEAPA - Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a TURMINAS – Empresa Brasileira de Turismo em Minas Gerais, o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado de Minas Gerais, a AMETUR – Associação Mineira das Empresas de Turismo Rural, a ABRATUR – Associação Brasileira de Turismo Rural, o SENAC - Serviço nacional de Aprendizagem do Comércio, a AMPAQ - Associação Mineira dos Produtores de Aguardente de Qualidade e a Coochacha – Cooperativa dos Produtores de Cachaça.

4. CONCLUSÃO

O meio rural brasileiro tem nas últimas décadas passado por diversas crises, no que tange os aspectos econômicos e sociais, fruto das dificuldades sucessivas vividas pelo setor a partir da modernização da agricultura. Nesse sentido, a busca de alternativas que viabilizem e incrementem as atividades agrícolas são cada vez mais importantes e necessárias.

A temática aqui abordada se situa na linha de pesquisa que busca mostrar alternativas para as dificuldades vividas nesse setor, principalmente no que se refere a criação de novas ocupações, pois o desemprego se tornou um flagelo que desmotiva a população rural e a faz migrar para as cidades, que no atual momento vive até de forma mais aprofundada a problemática do desemprego e da violência. A relevância do turismo no meio rural, conforme explicitado acima, se dá justamente por servir de alternativa para esses problemas que assolam o setor, essa atividade quando bem planejada, incrementa a renda rural e possibilita novas ocupações, oferecendo aos turistas a possibilidade de desfrutar dos atrativos inerentes a este meio. No caso dos produtores agrícolas, ocorrem possibilidades de se produzir e comercializar seus produtos sem intermediações.

Na verdade, a própria população rural pode se configurar como estrategista e criar programas e projetos originais para esse meio, como exemplos os Circuitos ou Roteiros turísticos que são muitas vezes viabilizados com ajuda de instituições privadas e governamentais e grupos de interesse (produtores de cachaça, vinho, queijo, etc), com o objetivo de fortalecer e desenvolver o turismo no espaço rural, bastando para isso o planejamento criterioso e cuidadoso da atividade, aproveitando-se das suas

oportunidades e precavendo-se de suas ameaças.

Finalmente, vale ressaltar que o turismo no espaço rural não pode ser visto como uma atividade não-agrícola miraculosa, mas sim, como uma alternativa que proporciona novas chances ao agricultor de manter-se no setor, desde que o mesmo esteja conscientizado sobre a necessidade de diversificação e diferenciação de seus produtos/serviços, gerando assim, vantagens competitivas, necessárias para manter e enfrentar a grande competitividade a qual está exposto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. G. F. Turismo rural. **Revista Economia Rural**, [S.l.], n. 3, p. 16-18, 1998.

BRASIL, H. S.; OLIVEIRA, C. G. S. Avaliação econômica do empreendimento de turismo rural. In: **TURISMO: NOVO CAMINHO NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO**, 6., 2000, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 2000. p. 41-59.

GRAVATÁ, C. E. **Manual da cachaça artesanal**. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. UMA, 1999.

OLIVEIRA, C. G. S.; MOURA, J. C. Avaliação econômica do empreendimento de turismo rural. In: **TURISMO: NOVO CAMINHO NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO**, 6., 2000, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 2000. p. 169-172.

OLIVEIRA, P. C. Alambique tour. **Revista Encontro**, Belo Horizonte, n. 12, p. 72-75, 2003.

OLIVEIRA, P. C. Estrada real. **Revista Encontro**, Belo Horizonte, n. 20, p. 10-15, 2004.

ROQUE, A. M.; VIVAN, A. M. O turismo no espaço rural: uma estratégia para a nova gestão rural brasileira. **Revista de Administração da UFLA**, Lavras, v. 1, n. 1, 1999.

SILVA, A. R.; FALEIRO, A.; BRITTO, I. P.; VIGGIANO, L.; DIAS, R. M.; PINHO, R. **Turismo rural em Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC/MG, 1997.

TULIK, O. Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In: **TURISMO: NOVO CAMINHO NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO**, 6., 2000, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: FEALQ, 2000. p. 61-68.

ZIMMERMANN, A. **Turismo rural: um modelo brasileiro**. Florianópolis: [s.n.], 1996.